

ESPECIAL

BADMINTON FAZ MILAGRE

ESPORTE QUE É A GRANDE PAIXÃO NA ÁSIA VIRA SENSÇÃO EM JACAREPAGUÁ, GRAÇAS A UM EX-INTERNO DA FUNABEM QUE ESTÁ CONSTRUINDO QUADRAS NA COMUNIDADE DA CHACRINHA

CLÁUDIO VIEIRA

O nze em cada dez brasileiros desconhecem o badminton, o esporte mais popular do mundo asiático – uma espécie de tênis jogado com uma peteca de cinco gramas, que, arremessada com potência, pode atingir a incrível velocidade de 300 km/h!

O badminton é jogado em mais de 140 países. E apesar de ser o segundo esporte do planeta em número de praticantes e adeptos, perdendo apenas para o futebol, não aparece nem no dicionário. No País do Futebol, a peteca só começou a ter vez a partir de 1995. Mesmo assim, ainda atrai a atenção de pouquíssimos atletas: são apenas 3 mil em todo o Brasil, e não mais que 300 no Estado do Rio de Janeiro.

Graças ao esforço pessoal de um ex-interno da Funabem, que juntou cinco anos de economias para construir quatro quadras num terreno abandonado, o principal clube do Rio nasceu numa comunidade proletária da Zona Oeste, o bairro da Chacrinha, em Jacarepaguá. Entre casebres de alvenaria e famílias de bai-



xa renda, o badminton vem operando verdadeiros milagres. E já conseguiu dar um drible desconcertante no destino, levando dois jovens para a seleção brasileira.

ASIÁTICOS SÃO OS REIS DA PETECA

■ O badminton nasceu na Índia e chamava-se **poona**. Oficiais ingleses o levaram para a Europa e alteraram suas regras. A partir de 1870, criaram uma nova versão do esporte, que também mudou de nome, por ser jogado em Badminton, propriedade do Duque de Beaufort, em Gloucestershire, na Inglaterra.

Suas regras são muito parecidas com as do tênis, com adaptações do vôlei. Os jogos são simples (um jogador contra outro) ou em duplas, masculinos, femininos e mistos, disputados em sets. A Federação Internacional do Badminton foi fundada em 1934, quando começaram as competições internacionais, sendo o esporte oficializado em Olimpíadas a partir de Barcelona-92. Os asiáticos detêm a supremacia: Indonésia, China e Malásia faturaram as principais competições ao longo das últimas oito décadas. As finais da Olimpíada de Atlanta, nos EUA, em 96, concentraram audiência estimada em 2 bilhões de telespectadores.

O próximo grande torneio será disputado no fim do mês, na China, onde é o esporte mais popular – aliás, os chineses estão muito mais preocupados com ele do que em enfrentar o Brasil, na Copa do Mundo, na Coreia.

No Brasil, esse esporte começou a se organizar em 1984. Atualmente, reúne 3 mil atletas, aproximadamente, sendo que um terço deles está em São Paulo. No Estado do Rio, 300 atletas de sete clubes (três da capital, um de Niterói, um de Maricá, um de Magé e um de Itaipava) disputam o campeonato regional.



RENATINHA E ALAN aprenderam os segredos do badminton na quadra inacabada da Chacrinha. Em abril, eles foram convocados para a seleção brasileira permanente

A PRIMEIRA VITÓRIA FOI NA INCUBADORA

■ Renata Faustino é cria da Chacrinha. Nasceu prematuramente, no fim do quinto mês da gestação. Pesava pouco mais de 300 gramas. Passou os quatro meses seguintes numa incubadora da maternidade Herculano Pinheiro, em Madureira. Nesse período, sofreu infecção hospitalar e, em decorrência da doença, 17 paradas cardíacas. O coração valente resistiu e Renata vingou. O mal deixou seqüelas. A principal delas, a surdez que acompanha a menina desde bebê.

Um dia, porém, Renata descobriu o badminton, e foi descoberta por Sebastião, que ensinava a outras crianças, na quadra da Chacrinha. A garota descobriu também que o badminton poderia ser a chave para abrir todos os seus cadeados. Empenhou-se de corpo e alma, desenvolvendo-se com uma rapidez assustadora. O seu progresso na escola foi surpreendente. Aprendeu a ler e a escrever. Simultaneamente, passou a integrar a equipe do Miratos, formada por adolescentes da Chacri-

nha e outros que a eles se juntaram, na escolinha do Sesi de Jacarepaguá.

Renata pouco fala. Um dia, num de seus raros desa-bafos, sem ter noção de que é vitoriosa por excelência, prometeu à mãe, a auxiliar de cozinha Cynara Faustino, que seria uma campeã.

Quantas vezes Renata chegou aos treinos, já no fim da tarde, com o estômago completamente vazio! O bom Tião, a quem ela chama carinhosamente de "papai", jamais deixou de comprar-lhe o

misto quente com Coca-Cola. Dona de técnica e agilidade impressionantes, Renatinha está cumprindo o que prometeu. Já é campeã estadual, vice brasileira e, em agosto, estará defendendo as cores do Brasil no Mundial dos EUA.

Orgulhosa, Cynara vai colecionando as medalhas de ouro conquistadas pela filha. E espera o fim do ano chegar para, com o dinheiro das férias, dar-lhe um presente: consertar o aparelho de surdez, que está quebrado há vários meses.

NASCE UM CAMPEÃO POR ACASO

■ Como em qualquer comunidade pobre do País, o futebol é paixão, sonho e tábua de salvação na Chacrinha. Diferente mesmo é Alan André, de 15 anos. Ao contrário de todos os seus amigos, ele não gosta de jogar bola. Para não ficar completamente desenturmado, bate uma peladinha de vez em quando e diz torcer para o Fluminense.

Não esconde que ficou curioso ao ver, de longe, outras crianças jogando badminton. Como não conhecia Sebastião, apelou para um amigo que participava dos treinos e mandou o recado: "Diz pro homem que eu jogo mais do que ele". À tarde, o desafio estava consumado. Sebastião convidou Alan para a disputa de uma partida.

Ficou claro que o menino não tinha o menor conhecimento das regras, mas era evidente, também, que tinha um talento extraordinário. O jogo foi duríssimo. Sebastião perdeu, mas ficou encantado. Precisava de um menino de 12 anos para inscrever o Miratos em nova categoria do Estadual. Alan mentiu. Disse que tinha 12 anos, porém tinha um a mais. Na hora de entregar a certidão de nascimento para ser inscrito na Federação, o menino se arrependeu. Contou a verdade ao professor. Em vez de bronca, ganhou uma promoção.

Inscrito na categoria acima, conquistou, no ano passado, o Estadual. Recentemente, em abril, Alan ganhou o Campeonato Nacional. Juntamente com Renatinha, é o outro carioca que garantiu vaga permanente na seleção brasileira de badminton.

DEPOIS DA FUNABEM, O SONHO

■ Aos 7 anos, Sebastião Dias de Oliveira, hoje com 36, levou a primeira 'raquetada' da vida. Foi internado na Funabem, onde ficou durante 11 anos, para que a mãe pudesse trabalhar.

Sebastião sobreviveu no inferno. Desviou-se do labirinto que levava à bandidagem e teve a sorte de ouvir bons conselhos. Conseguiu emprego no Colégio Pedro II, de São Cristóvão. Foi lá, por intermédio do professor Marcelo Raso, que ficou conhecendo o badminton. Aprendeu as regras do jogo e passou a ensiná-lo.

Foi quando conheceu Carmem Lúcia, caixa de supermercado. Apaixonaram-se e, casados, foram morar na Chacrinha, onde a família dela tinha casa e um terreno.

Olhando para as crianças



SEBASTIÃO revelou craques e agora cuida da Escolinha do Sesi, onde nasceu o clube Miratos

do lugar, Tião se reencontrou na própria infância. Decidiu investir tudo na única coisa que sabia fazer. Seria a forma de contribuir para o futuro dos dois filhos e de toda aquela garotada. Sozinho, aterrou e aplainou a área. Juntou cinco

anos de economias. Investiu mais de R\$ 50 mil na construção de um complexo composto por quatro quadras, salas de aquecimento e ginástica, vestiário e uma piscina. O dinheiro acabou e 40 por cento da obra ainda está por fazer.

Da Chacrinha, os treinos foram transferidos para o Sesi de Jacarepaguá, entre o Tanque e o Pechincha. Hoje, mais de 50 alunos frequentam a escolinha e integram o clube Miratos, a nova sensação do Estadual.